

INTRODUÇÃO

Num *thriller* moderno, normalmente o herói salva o mundo. As histórias de aventura tradicionais são mais modestas: a personagem central limita-se a salvar a sua própria vida e talvez a vida de um amigo fiel ou de uma rapariga corajosa. Em romances menos sensacionais — as narrativas medianas e bem contadas que têm sido a dieta básica dos leitores há mais de um século — há menos em jogo, mas o esforço da personagem, as suas lutas e as suas escolhas determinam o seu destino de um modo trágico.

Na verdade, não acredito que a vida seja assim. Na realidade, há circunstâncias para lá do nosso controlo que determinam se vivemos ou morremos, se somos felizes ou infelizes, se ficamos ricos ou perdemos tudo. Por exemplo: a maior parte dos ricos herdou a sua fortuna. A maioria dos bem alimentados teve simplesmente a sorte de nascer num país rico. A maior parte das pessoas felizes nasceu em famílias carinhosas, e a maioria dos infelizes teve pais loucos.

Não sou fatalista nem acredito que tudo na vida se deve à sorte cega. Não controlamos a nossa vida da mesma forma que um jogador de xadrez controla as suas peças, mas a vida também não é uma roleta. Como habitualmente, a verdade é complicada. Mecanismos para além do nosso controlo — e, por vezes, para além da nossa compreensão — determinam o destino de uma pessoa e, contudo, as escolhas feitas têm consequências, mesmo que não sejam aquelas que previmos.

Neste livro tentei escrever um novo tipo de romance, que refletisse a subordinação subtil da liberdade individual a um mecanismo mais poderoso. Falhei neste projeto nada modesto. Talvez

um romance assim não possa ser escrito: mesmo que a vida não seja sobre as escolhas individuais, quem sabe se a literatura o será?

Acabei por escrever uma história policial despreocupada na qual um conjunto de pessoas, na sua maioria jovens, se envolve numa série de delitos, nenhum dos quais se revelando como esperado. Os críticos elogiaram-na, chamando-lhe viva, exuberante, leve, alegre, jovial, leve (de novo) e efervescente. Fiquei desapontado por não terem reparado nas minhas verdadeiras intenções.

Hoje já não considero este livro um falhanço. É realmente efervescente e não perde nada por isso. O facto de ser tão diferente do livro que tencionava escrever não me devia ter surpreendido. Afinal, acaba por me dar razão.

KEN FOLLETT, 1985

Parte I

PREPARAR A TELA

«Não nos casamos com a arte. Arrebatamo-la.»

EDGAR DEGAS

pintor impressionista

CAPÍTULO UM

O padeiro coçou o bigode preto com um dedo enfarinhado, deixando os pelos cinzentos e ficando, sem intenção, dez anos mais velho. À sua volta, as prateleiras e os balcões estavam cheios de grandes pães frescos e estaladiços, e o cheiro familiar enchia-lhe as narinas e fazia-lhe inchar o peito com um orgulho calmo e satisfeito. O pão pertencia a uma nova fornada, a segunda da manhã: o negócio corria bem porque o tempo estava bom. Confiava sempre num pouco de sol para fazer com que as donas de casa de Paris sáíssem para a rua e viessem comprar-lhe o seu belo pão.

Olhou pela montra, semicerrando os olhos por causa da intensidade da luz na rua. Uma rapariga bonita atravessava a rua. O padeiro pôs-se à escuta e ouviu a voz da mulher nas traseiras, discutindo estridentemente com um empregado. A discussão iria continuar por alguns minutos, era sempre assim. Certo de que estava em segurança, o padeiro deu-se ao luxo de mirar a rapariga, libidinoso.

O seu vestido de verão era fino e sem mangas, e o padeiro pensou que parecia bastante caro, embora não fosse perito em coisas dessas. A saia ampla oscilava com graciosidade a meio da coxa, realçando as pernas magras e nuas e prometendo — mas sempre sem concretização — a visão deliciosa da roupa interior feminina.

Era demasiado magra para o seu gosto, decidiu quando ela se aproximou. Tinha uns seios muito pequenos que nem sequer sacudiam com o seu passo longo e confiante. Vinte anos de casamento com Jeanne-Marie não tinham deixado o padeiro cansado de seios gordos e pendentes.

A rapariga entrou na padaria, e o padeiro apercebeu-se de que não era nenhuma beleza. Tinha um rosto comprido e fino, uma boca pequena e avara, os dentes de cima ligeiramente salientes. O cabelo, sob uma camada loira queimada pelo sol, era castanho.

Escolheu um pão do balcão, testando a crosta com as mãos esguias e fazendo um gesto de cabeça satisfeito. Não era bonita, pensou o padeiro, mas definitivamente apetecível.

A cor do rosto era rosada e branca, e a pele parecia macia e suave, mas era o seu porte que fazia virar as cabeças. Irradiava confiança e ousadia, dizia ao mundo que aquela rapariga fazia exatamente o que lhe apetecia e nada mais. O padeiro disse a si próprio para parar de brincar com as palavras: era *sexy* e pronto.

Mexeu os ombros para soltar a camisa que se colava às costas suadas. — *Chaud, hein?* — comentou.

A rapariga tirou algumas moedas da bolsa e pagou o pão. Sorriu ao comentário dele e, de súbito, tornou-se bonita. — *Le soleil? Je l'aime* — retorquiu. Fechou a bolsa e abriu a porta da padaria. — *Merci*¹ — lançou por cima do ombro ao sair.

O seu francês tinha um ligeiro sotaque, um sotaque inglês, calculou o padeiro, mas talvez o tivesse apenas imaginado para dar com o tom da pele. Mirou-lhe o rabo ao atravessar a rua, hipnotizado pelo movimento dos músculos sob o algodão. Regressava certamente ao apartamento de um músico qualquer, jovem e cabeludo, que devia estar ainda na cama após uma noite de deboche.

A voz estridente de Jeanne-Marie aproximou-se, destruindo-lhe a fantasia. Suspirou profundamente e atirou as moedas da rapariga para dentro da caixa.

Dee Sleign sorriu para si própria enquanto se afastava da padaria ao longo do passeio. O mito era verdadeiro: os homens franceses eram mais sensuais que os ingleses. O olhar do padeiro fora de uma lascívia inocente e pousara com precisão nas suas ancas. Um padeiro inglês ter-lhe-ia mirado os seios furtivamente por detrás dos óculos.

¹ Em francês no original. (NT)

Inclinou a cabeça para trás e prendeu o cabelo por trás das orelhas para deixar que o sol lhe batesse no rosto. Estava a ser maravilhosa, a sua vida em Paris naquele verão. Nada de trabalho, nada de exames nem dissertações ou palestras. Dormir com Mike, levantar-se tarde, bom café e pão fresco para o pequeno-almoço; dias passados com os livros que sempre quisera ler e os quadros que gostava de ver, serões na companhia de pessoas interessantes e excêntricas.

Iria acabar em breve. Daí a pouco teria de decidir o que queria fazer com o resto da sua vida, mas naquele momento encontrava-se num limbo pessoal, limitando-se a gozar as coisas de que gostava, sem qualquer objetivo rígido a ditar-lhe como passar todos os minutos.

Virou uma esquina e entrou num prédio pequeno e despretenhioso. Ao passar a cabina com a sua minúscula janela, ouviu um grito agudo da porteira.

— *Mademoiselle!*

A mulher de cabelos grisalhos pronunciava todas as sílabas da palavra, conseguindo dar-lhes um tom acusatório, realçando o facto escandaloso de Dee não ser casada com o homem que alugava o apartamento. Dee voltou a sorrir; um caso em Paris dificilmente estaria completo sem a censura de uma porteira.

— *Télégramme* — bradou a mulher. Pousou o envelope no peitoril e afastou-se para as trevas da cabina, com o seu cheiro a gato, como se quisesse desassociar-se totalmente das raparigas de moral dissoluta e dos seus telegramas.

Dee pegou nele e correu pelas escadas acima. Era-lhe dirigido e já sabia o que era.

Entrou no apartamento e pousou o pão e o telegrama na mesa da pequena cozinha. Deitou grãos de café no moinho e carregou no botão. O aparelho rugiu com estrondo enquanto pulverizava os grãos de um preto acastanhado.

A máquina de barbear de Mike zuniu como que em resposta. Por vezes a promessa do café era a única coisa que o tirava da cama. Dee encheu o bule e fatiou o pão.

O apartamento de Mike era pequeno, mobilado com velharias de um gosto banal. Ele desejara algo mais grandioso e podia

certamente dar-se a esse luxo, mas Dee insistira que morassem longe dos hotéis e dos bairros mais chiques. Quisera passar o verão com os franceses e não com o *jet set* internacional. E levava a melhor.

O zumbido da máquina de barbear calou-se, e Dee encheu duas chávenas de café.

Ele entrou no momento em que ela as pousava na mesa redonda de madeira. Envergava umas *Levi's* debotadas e remendadas com o colarinho da camisa de algodão azul aberto, deixando ver um tufo de pelos pretos e um medalhão pendurado de um fio de prata curto.

— Bom dia, querida — disse. Deu a volta à mesa e beijou-a. Ela rodeou-lhe a cintura com os braços e apertou-lhe o corpo contra o seu, beijando-o apaixonadamente.

— Ena! Essa foi forte para esta hora da manhã — retorquiu ele. Deu-lhe um largo sorriso e sentou-se.

Dee contemplou o homem enquanto ele bebia o café, agradecido, e pensou se queria passar o resto da vida com ele. O caso durava já havia um ano, e ela estava a habituar-se. Gostava do seu cinismo, do seu sentido de humor e do seu estilo de pirata. Ambos se interessavam por arte até à obsessão, embora o interesse dele se centrasse em como fazer dinheiro da arte, enquanto ela se absorvia nos quês e porquês do processo criativo. Estimulavam-se reciprocamente, tanto na cama como fora dela: formavam uma boa equipa.

Ele levantou-se, serviu-se de mais café e acendeu cigarros para ambos. — Estás muito calada — comentou no seu sotaque grave e áspero de americano. — A pensar nos tais resultados? Já era altura de chegarem.

— Chegaram hoje — revelou ela. — Tenho estado a adiar a abertura do telegrama.

— O quê? Vá lá, quero saber como te saíste.

— Está bem. — Foi buscar o envelope e voltou a sentar-se antes de o abrir com o polegar. Desdobrou a folha de papel fino, deu-lhe uma olhadela e olhou para ele com um sorriso aberto.

— Meu Deus, tive um Muito Bom — anunciou.

Ele pôs-se de pé de um pulo, entusiasmado. — Yupi! — gritou. — Eu sabia! És um génio! — E começou a dançar uma imitação rápida de uma quadrilha, acompanhada de uns «Yee-ha» e do som de uma guitarra elétrica, saltando pela cozinha com um par inventado.

Dee ia morrendo a rir. — És o tipo de trinta e nove anos mais infantil que já conheci — arfou. Mike fez uma vénia a agradecer os aplausos imaginários e voltou a sentar-se.

Depois disse: — E agora? Que quer isto dizer para o teu futuro?

Dee ficou de novo séria. — Significa que posso fazer o doutoramento.

— O quê, mais graus? Já tens um mestrado em História de Arte, para além de um diploma qualquer em Belas-Artes. Não será tempo de parares de ser uma estudante profissional?

— E por que diabo o havia de fazer? Adoro aprender. Se estão dispostos a pagar-me para estudar durante o resto da minha vida, porque não haveria de o fazer?

— Não te vão pagar muito.

— Isso é verdade. — Ficou pensativa. — E gostava de enriquecer, seja lá como for. Mas ainda tenho muito tempo. Só tenho vinte e cinco anos.

Mike estendeu o braço através da mesa e segurou-lhe na mão. — Podias vir trabalhar para mim. Pagava-te uma fortuna, bem a valerias.

Ela abanou a cabeça. — Não quero andar às tuas cavalitas. Quero vencer por mim própria.

— Gostas bem de te encavalitar à minha frente — disse ele a sorrir.

Ela olhou-o de soslaio. — Podes crer — respondeu, imitando-lhe o sotaque. Depois afastou a mão. — Não, vou escrever a minha tese. Se for publicada, posso ganhar algum dinheiro.

— Qual é o tema?

— Bem, tenho andado a pensar em algumas coisas. A mais promissora é a relação entre a arte e as drogas.

— Muito na moda.

— E original. Penso que posso provar que o consumo de drogas é geralmente bom para a arte e mau para os artistas.

— Um belo paradoxo. E onde vais começar?

— Aqui, em Paris. Costumavam fumar erva na comunidade artística por volta das duas primeiras décadas do século, só que lhe chamavam haxixe.

Mike assentiu. — Aceitas uma pequena ajuda minha, só para começar?

Dee pegou no maço de tabaco e tirou um cigarro. — É claro — concedeu.

Ele estendeu-lhe o isqueiro do outro lado da mesa. — Há um velho com quem devias falar. Era amigo de meia dúzia de grandes pintores, aqui, antes da Primeira Guerra Mundial. Já me indicou onde procurar certos quadros algumas vezes. Era uma espécie de pequeno criminoso e costumava arranjar prostitutas para fazerem de modelo — e também outras coisas — para os jovens artistas. Agora é velho, deve ter quase noventa anos. Mas lembra-se.

O minúsculo estúdio cheirava mal. O odor da peixaria que ficava por baixo impregnava tudo, infiltrando-se pelo soalho de madeira nu e penetrando na mobília gasta, nos lençóis da cama de solteiro ao canto, nas cortinas debotadas da única janela. O fumo do cachimbo do velho não conseguia esconder o fedor a peixe e, subjacente àquilo tudo, havia ainda a atmosfera de um quarto raramente limpo.

Das paredes, porém, pendia uma fortuna em quadros pós-impressionistas.

— Foram todos oferecidos pelos artistas — explicou o velho alegremente. Dee tinha de se concentrar para entender o carregado sotaque parisiense. — Eles nunca conseguiam pagar as dívidas. Eu aceitava os quadros porque sabia que eles nunca teriam dinheiro para me pagar. Nessa altura não gostava das pinturas. Agora, percebo por que motivo pintavam assim e gosto. Para além disso, trazem-me recordações.

O homem era totalmente calvo, e a pele do rosto era pálida e descaída. Era baixo e andava com dificuldade, mas os olhinhos pretos brilhavam por vezes com entusiasmo. Aquela bonita rapariga inglesa rejuvenesecera-o. Falava tão bem francês e sorria-lhe como se ele fosse de novo um jovem.

— Não está sempre a ser incomodado por gente que os quer comprar? — quis saber Dee.

— Já não. Não me importo de os emprestar por um certo preço.
— Os olhos cintilaram-lhe. — Paga o tabaco — acrescentou, erguendo o cachimbo como se fizesse um brinde.

Dee apercebeu-se do outro componente do cheiro que sentia: o tabaco do cachimbo estava misturado com *cannabis*. Assentiu com um gesto de cabeça entendido.

— Quer um pouco? Tenho mortalhas — ofereceu ele.

— Obrigada.

Ele passou-lhe uma lata de tabaco, algumas mortalhas e um pequeno cubo de resina; ela começou a enrolar um charro.

— Ah, vocês, os jovens — ponderou o velho. — Na verdade, as drogas fazem-vos mal. Eu não devia corromper a juventude. Bem, passei a vida a fazê-lo e agora sou demasiado velho para mudar.

— Viveu uma longa vida com elas — observou Dee.

— É verdade, é verdade. Este ano vou fazer oitenta e nove, acho eu. Há setenta anos que fumo todos os dias o meu tabaco especial, exceto na prisão, claro.

Dee lambeu a cola da mortalha e enrolou o charro. Acendeu-o com um minúsculo isqueiro de ouro e inalou.

— Os pintores fumavam muito haxixe? — perguntou.

— Oh, sim. Fiz uma fortuna. Alguns gastavam nisso todo o seu dinheiro. — Olhou para um desenho a lápis na parede, um esboço apressado da cabeça de uma mulher: um rosto oval e um nariz comprido e fino. — O Dedo era o pior — acrescentou com um sorriso sonhador.

Dee leu a assinatura do desenho. — Modigliani?

— Sim. — Os olhos do homem viam agora apenas o passado e parecia falar consigo próprio. — Usava sempre um casaco de bombazina castanho e um grande chapéu mole de feltro. Costumava dizer que a arte devia ser como o haxixe: devia mostrar às pessoas a beleza das coisas, a beleza que normalmente não conseguiam ver. Também bebia para ver a fealdade das coisas. Mas adorava o haxixe.

»Era uma pena que tivesse tanta consciência disso. Creio que teve uma educação muito severa. A sua saúde também era delicada e, portanto, preocupava-se com as drogas. Preocupava-se mas mesmo assim tomava-as. — O velho sorria e assentia com a cabeça como se concordasse com as suas recordações.

— Vivia no Impasse Falguière. Era tão pobre que ficou macilento. Lembro-me de quando foi à secção egípcia do Louvre. Quando voltou disse que era a única que valia a pena ver. — Riu-se, feliz. — Mas era um homem melancólico — prosseguiu num tom mais sóbrio. — Trazia sempre no bolso *Os Cantos de Maldoror*²; sabia recitar muitos poemas franceses. O cubismo chegou no fim da sua vida e era-lhe estranho. Talvez o tivesse matado.

Dee falou em voz baixa para guiar a memória do velho sem lhe alterar a linha do pensamento. — O Dedo costumava pintar pedrado?

O homem riu-se ao de leve. — Oh, sim — disse. — Quando estava pedrado pintava muito depressa, sempre a gritar que aquela seria a sua obra-prima, a sua *chef-d'oeuvre*, que Paris ia ver o que era realmente a pintura. Escolhia as cores mais vivas e atirava-as à tela. Os amigos diziam-lhe que o quadro era fraco, horrível, e ele respondia-lhes que se pusessem a andar, que eram demasiado ignorantes para perceberem que aquela era a pintura do século vinte. Depois, quando a pedrada passava, concordava com eles e atirava a tela para um canto. — Deu uma passa no cachimbo, reparou que se apagara e pegou nos fósforos.

Dee inclinou-se para a frente na cadeira dura e direita, esquecido o charro que tinha entre os dedos. A sua voz estava carregada de uma intensidade grave.

— Que aconteceu a esses quadros? — perguntou.

O velho deu nova vida ao cachimbo e recostou-se, dando passas ritmadas. O ritmo regular de puxar e exalar levou-o de novo ao estado de sonho anterior.

² Obra mais conhecida de Lautréamont, que mostra um universo estranho e mórbido muito próprio da literatura fantástica da época. (NT)

— Pobre Dedo — lamentou. — Não conseguia pagar a renda, não tinha para onde ir, e o senhorio deu-lhe vinte e quatro horas para sair. Tentou vender alguns quadros, mas as poucas pessoas que sabiam como eram bons não tinham mais dinheiro que ele.

»Teve de se mudar para casa de um dos outros, esqueci-me de qual. Mal havia lugar para ele quanto mais para os seus quadros. Emprestou os de que gostava a amigos chegados. O resto... — O velho gemeu, como se a recordação lhe tivesse causado uma guinada de dor. — Estou a vê-lo a empilhá-los num carro de mão e a empurrá-lo rua abaixo. Chega a um pátio, amontoa-os no meio e lança-lhes fogo. «Que mais me resta fazer?», repete sem parar. Acho que lhe podia ter emprestado dinheiro, mas ele já me devia muito. Contudo, ao observá-lo a ver os quadros a arder, desejei tê-lo feito. Pronto, nunca fui santo nenhum, nem na juventude nem na velhice.

— E todos os quadros do haxixe encontravam-se nessa fogueira?
— A voz de Dee era quase um sussurro.

— Sim — confirmou o velho. — Praticamente todos.

— Praticamente? Ele guardou alguns?

— Não, não guardou, mas dera alguns a uma pessoa. Já me esquecera, mas ao falar consigo recordei-me. Havia um padre na sua terra natal que se interessou por drogas orientais. Esqueci-me do motivo, talvez pelo seu valor medicinal, as suas propriedades espirituais. Uma coisa assim. O Dedo confessou o seu vício ao padre e foi-lhe concedida a absolvição. Depois o padre pediu para ver os quadros que pintara sob a influência do haxixe. Ele mandou-lhe um quadro, apenas um, recorde-me agora.

O charro queimou os dedos de Dee, e ela pousou-o num cinzeiro. O velho acendeu de novo o cachimbo, e Dee levantou-se.

— Muito obrigada por ter falado comigo — agradeceu.

— Hum. — Metade do espírito do velho continuava no passado. — Espero que seja uma ajuda para a sua tese — disse ele.

— Será certamente — retorquiu ela. Impulsivamente, curvou-se sobre a cadeira do homem e beijou-o na cabeça calva. — Foi muito amável.

Os olhos dele brilharam. — Já lá vai muito tempo desde que uma rapariga bonita me beijou — confessou.

— De tudo o que me contou, essa é a única em que não acredito — respondeu Dee. Voltou a sorrir-lhe e saiu.

Controlou o júbilo, enquanto caminhava ao longo da rua. Que achado! E antes de sequer terem começado de novo as aulas! Rebeitava de desejo de contar a alguém, mas depois lembrou-se: Mike partira, fora a Londres por uns dias. A quem poderia contar?

Impulsivamente, comprou um postal num café e sentou-se a escrevê-lo na companhia de um copo de vinho. A imagem representava o próprio café e uma vista da rua em que se encontrava.

Beberricou o vinho barato e pensou a quem escrever. Devia contar os resultados à família. A mãe ia ficar satisfeita, à sua maneira vaga, mas o que queria era que a filha fosse um membro da sociedade educada e moribunda dos que vão a bailes e a provas de *dressage*. Não daria valor ao triunfo de um grau académico de primeira classe. Quem daria?

Então, lembrou-se de quem ficaria encantado por ela.

Escreveu:

Querido tio Charles,

Quer acredite quer não, tive um Muito Bom!! Ainda mais incrível, estou agora a seguir a pista de um Modigliani perdido!!

Beijos,

D.

Comprou um selo para o postal e meteu-o no correio no regresso ao apartamento de Mike.

CAPÍTULO DOIS

A vida perdera todo o encanto, pensou Charles Lampeth, recostado na cadeira da mesa de jantar Queen Anne. Aquele lugar, a casa de um amigo, fora em tempos testemunha do tipo de festas e bailes que presentemente só aconteciam em filmes históricos de grande orçamento. Pelo menos dois primeiros-ministros haviam jantado naquela mesma sala, com a sua comprida mesa de carvalho e as paredes igualmente revestidas da mesma madeira. Todavia, a sala, a casa e o dono, Lorde Cardwell, pertenciam a uma raça moribunda.

Lampeth escolheu um cigarro da caixa que o mordomo lhe oferecia e permitiu que o criado lho acendesse. Um pequeno gole de um brande muito velho completou a sua sensação de bem-estar. A comida fora excelente, as mulheres dos dois homens haviam-se retirado à moda antiga, e agora podiam conversar.

O mordomo acendeu o charuto de Cardwell e retirou-se em silêncio. Os dois homens fumaram, satisfeitos, durante um bocado. Eram amigos há tanto tempo que o silêncio não os incomodava. Cardwell foi o primeiro a falar:

— Como está o mercado da arte? — perguntou.

Lampeth fez um sorriso satisfeito. — Florescente, como nos últimos tempos.

— Nunca percebi a economia que o rege — confessou Cardwell. — Por que razão está tão animado?

— É complexo, como seria de esperar — retorquiu Lampeth. — Acho que começou quando os americanos começaram a dar importância à arte, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial. É o velho mecanismo da oferta e da procura: o preço dos Velhos Mestres disparou.

»E não havia quadros suficientes dos Velhos para todos, e as pessoas começaram a voltar-se para os modernos.

Cardwell interrompeu-o: — E é aí que você entra.

Lampeth assentiu e deu outro gole elogioso no brande. — Quando abri a minha primeira galeria, logo a seguir à guerra, era uma luta para vender o que quer que fosse pintado depois de 1900. Mas insistimos. Algumas pessoas gostaram dos quadros, os preços subiram gradualmente e depois apareceram os investidores. Foi então que os impressionistas rebentaram a escala.

— Muita gente fez um monte de massa — comentou Cardwell.

— Menos do que imagina — contrapôs Lampeth. Alargou o nó do laço sob o duplo queixo. — É um pouco como comprar ações ou apostar em cavalos. Aposto-se em algo de que temos quase a certeza e descobre-se que todos o fizeram também, portanto as probabilidades são baixas. Se queremos algo mais rentável, pagamos um preço alto e, portanto, quando vendemos, o lucro é pequeno.

»Passa-se o mesmo com os quadros: se comprarmos um Velásquez, fazemos dinheiro pela certa, mas pagamos tanto por ele que temos de esperar vários anos para termos um lucro de cinquenta por cento. As únicas pessoas que fizeram fortunas são as que compraram os quadros de que gostam e que descobriram que tinham bom gosto quando o valor das suas coleções subiu em flecha. Pessoas como você.

Cardwell assentiu com um gesto de cabeça, e as diminutas madeixas de cabelo branco oscilaram na ligeira brisa causada pelo movimento. Puxou a ponta do seu longo nariz. — Quanto acha que a minha coleção vale agora?

— Meu Deus! — Lampeth franziu o sobrolho, juntando as sobrancelhas negras sobre o nariz. — Depende de como for vendida, por um lado. Por outro, uma avaliação cuidada levaria uma semana a um especialista em arte.

— Contento-me com uma menos cuidada. Você conhece os quadros, foi você quem me comprou a maioria.

— Sim. — Lampeth viu mentalmente os vinte ou trinta quadros existentes na casa e atribuiu-lhes um valor aproximado. Fechou os olhos e fez as contas.

— Deve ser um milhão de libras — acabou por dizer.

Cardwell voltou a assentir. — Cheguei exatamente a esse número — declarou. — Charlie, preciso de um milhão de libras.

— Santo Deus! — Lampeth endireitou-se na cadeira. — Não pode estar a pensar em vender a sua coleção.

— Receio bem que tenha chegado a isso — confessou Cardwell tristemente. — Tive esperança de a deixar ao país, mas a realidade da vida dos negócios vem primeiro. A companhia está desesperada. Precisa de uma grande injeção de capital dentro de doze meses ou vai à falência. Você sabe que ando há anos a vender partes da propriedade para me pagar o brande. — Ergueu o balão e bebeu.

— Os jovens ases acabaram por me apanhar — prosseguiu. — Há novas técnicas no mundo financeiro, os nossos métodos estão ultrapassados. Vou sair assim que a companhia estiver suficientemente forte para a passar. Um dos novos que tome conta dela.

O tom de desespero e cansaço na voz do amigo deixou Lampeth irado. — Os novos! — exclamou com desprezo. — O ajuste de contas da parte deles há de chegar.

Cardwell riu-se ao de leve. — Bom, Charlie, o meu pai ficou horrorizado quando lhe anunciei a minha decisão de entrar na bolsa. Lembro-me de ele me dizer: «Mas tu vais herdar o título!», como se isso eliminasse qualquer hipótese de eu vir a pôr a mão em dinheiro a sério. E você? Que lhe disse o seu pai quando abriu uma galeria de arte?

Lampeth aceitou a observação com um sorriso relutante. — Pensou que era uma ocupação piegas para um filho de um soldado.

— Portanto, como vê, o mundo pertence aos jovens ases. Portanto, Charlie, venda-me os quadros.

— Temos de dividir a coleção para conseguirmos os melhores preços.

— Você é que é o especialista. Não me vale a pena estar com sentimentalismos.

— No entanto, alguns têm de ficar juntos para uma exposição. Vejamos: um Renoir, dois Degas, uns quantos Pissarro, três Modiglianis... Tenho de pensar no assunto. É claro que o Cézanne tem de ir a leilão.

Cardwell levantou-se, revelando ser muito alto, uns cinco centímetros acima do metro e oitenta. — Bom, não vamos ficar a chorar o cadáver. Vamos ter com as senhoras?

A galeria de arte Belgrave tinha o ar de um museu de província de boa qualidade. O silêncio que se fez quando Lampeth entrou foi quase palpável, enquanto ele pisava levemente a carpete lisa verde-azeitona com os seus sapatos de biqueira reforçada. Às dez horas, a galeria acabara de abrir, e não havia clientes. Todavia, três assistentes de fato risca de giz pairavam, atentos, na área de recepção.

Lampeth cumprimentou-os com um gesto de cabeça e atravessou a sala térrea da galeria, o seu olhar de especialista analisando os quadros expostos ao passar. Alguém pendurara um abstrato moderno ao lado de um *naïf*, e tomou mentalmente nota para o mandar retirar. As obras não ostentavam preço, uma política deliberada. As pessoas tinham a sensação de que qualquer menção de dinheiro seria recebida com uma expressão desaprovadora por parte dos assistentes elegantemente vestidos. A fim de manter a autoestima, os mecenas diriam a si próprios que também eles faziam parte daquele mundo, onde o dinheiro era um mero pormenor, tão insignificante como a data do cheque. Portanto, gastavam mais. Charles Lampeth era em primeiro lugar um homem de negócios e um amante de arte em segundo.

Subiu a larga escadaria até ao primeiro andar e viu o seu reflexo no vidro de uma moldura. O nó da gravata era pequeno, o colarinho rígido, o fato Savile Row assentava-lhe na perfeição. Era uma pena ter peso a mais, mas ainda tinha uma figura atraente para a idade. Endireitou os ombros, pensativo.

Fez outra nota mental: o vidro daquela moldura deveria ser antirreflexo. E havia um desenho a tinta por baixo; quem o pendurara cometera um erro.

Entrou no seu gabinete e pendurou o chapéu de chuva no cabide. Aproximou-se da janela e mirou Regent Street, enquanto acendia o primeiro charuto do dia. Ficou a observar o trânsito, fazendo uma lista mental das coisas a que tinha de dar atenção entre aquele momento e o primeiro gim tónico, às cinco horas.

Virou-se no momento em que o seu sócio mais novo, Stephen Willow, entrou. — Bom dia, Willow — disse, sentando-se à secretária.

— Bom dia, Lampeth — retorquiui Willow. — Tinham o hábito de se tratarem pelos apelidos, apesar de estarem juntos havia já seis ou sete anos. Lampeth fora buscar Willow para alargar a influência de Belgrave: Willow fundara uma pequena galeria, alimentando relações com meia dúzia de jovens artistas que se tinham revelado bons. Nessa altura, Lampeth vira Belgrave a ficar levemente para trás no mercado, e Willow revelara ser uma forma rápida de penetrar na cena contemporânea. A sociedade funcionava bem: embora houvesse uma diferença de dez ou quinze anos entre os dois homens, Willow tinha as mesmas qualidades básicas de bom gosto artístico e sentido do negócio que Lampeth.

O homem mais novo pousou um *dossier* sobre a secretária e recusou o charuto. — Temos de falar sobre o Peter Usher — declarou.

— Ah, sim. Há algo de errado e não sei o que é.

— Ficámos com ele quando a Galeria Sixty-Nine faliu — principiou Willow. — Ele apresentara lá um bom trabalho durante um ano — uma das telas foi vendida por mil libras, e a maioria valeu para cima de quinhentas. Desde que veio para nós, só vendeu duas telas.

— A que preço o pusemos?

— Na mesma ordem da Sixty-Nine.

— Talvez eles se tenham portado mal, não te esqueças — lembrou Lampeth.

— Acho que sim. Um número suspeito de quadros altamente cotados reapareceu pouco tempo depois de terem sido vendidos.

Lampeth assentiu. O segredo mais mal guardado do mundo da arte era que os marchands compravam por vezes os seus próprios quadros a fim de estimular a procura de um artista jovem.

— E depois, como sabes, não somos a galeria certa para o Usher — afirmou. Viu o sócio erguer as sobrancelhas e acrescentou: — Não estou a criticar-te, Willow. Na altura, parecia ser um bom negócio. Mas ele é muito *avant-garde* e talvez tenha ficado

um tanto prejudicado ao ser associado a uma galeria tão respeitável como a nossa. Contudo, o passado já lá vai. Continuo a pensar que é um jovem pintor muito bom, e merece que nos esforcemos ao máximo.

Willow mudou de ideias quanto ao charuto e tirou um da caixa sobre a secretária embutida de Lampeth.

— Sim, também penso assim. Sondei-o em relação a uma exposição, e ele diz que tem obras novas suficientes que a justifiquem.

— Ótimo. Na Sala Nova, talvez? — A galeria era demasiado grande para ser toda dedicada à obra de um único artista vivo e, assim, as exposições individuais eram montadas em galerias mais pequenas ou em parte das instalações de Regent Street.

— Seria ideal.

Lampeth ponderou: — Continuo a pensar se não lhe faríamos um favor se o deixássemos ir para outro sítio.

— Talvez, mas o mundo exterior não o veria desse modo.

— Tens toda a razão.

— Então, devo dizer-lhe que a exposição está aprovada?

— Não, ainda não. Talvez haja uma coisa maior na calha. Lorde Cardwell ofereceu-me um jantar ontem. Quer vender a coleção.

— Santíssimo! Coitado! Para nós não será nada fácil.

— Sim, e teremos de o fazer com muito cuidado. Ainda estou a pensar no assunto. Deixa uma abertura durante algum tempo.

Willow olhou para a janela pelo canto do olho, um sinal, como Lampeth sabia, de que estava a puxar pela memória. — O Cardwell não tem dois ou três Modiglianis? — acabou por perguntar.

— Tem. — Lampeth não ficou surpreendido por Willow saber aquilo; parte do trabalho de um marchand de topo era saber onde se encontravam centenas de pinturas, a quem pertenciam e qual o seu valor.

— Interessante — prosseguiu Willow. — Ontem tive notícias de Bona, depois de te teres ido embora. Está no mercado uma coleção de esboços de Modigliani.

— De que tipo?

— Esboços a lápis para esculturas. É claro que ainda não estão oficialmente no mercado. Se quisermos, podemos ficar com eles.

— Ótimo. Compramo-los de qualquer modo. Acho que o Modigliani vai subir de valor. Há uns tempos que está subvalorizado, sabes, porque não se encaixa numa categoria clara.

Willow levantou-se. — Vou falar com o meu contacto e dizer-lhe para comprar. E se o Usher fizer perguntas, vou empatá-lo.

— Sim, sê simpático com ele.

Willow saiu, e Lampeth puxou para si uma cesta de metal com o correio da manhã. Pegou num envelope já aberto e pronto para ele, mas depois o seu olhar caiu num postal que estava por baixo. Largou o envelope e pegou no postal. Olhou para a imagem e calculou que fosse uma rua em Paris. Depois virou-o e leu a mensagem; primeiro sorriu, divertido com a prosa esbaforida e a floresta de pontos de exclamação.

Depois recostou-se e ficou a pensar. A sobrinha tinha um jeito de dar a impressão de ser uma coisinha feminina e fútil, mas tinha uma mente aguçada e uma certa determinação fria. Normalmente falava a sério, mesmo que parecesse uma adolescente dos anos vinte.

Lampeth deixou o resto do correio na cesta, enfiou o postal no bolso de dentro do casaco, pegou no chapéu de chuva e saiu.

Tudo naquela agência era discreto, incluindo a entrada. Fora concebida com inteligência de modo a que, quando um táxi parava no pátio, da rua não era possível ver o visitante a pagar e a entrar pela porta lateral do pórtico.

O pessoal, com a sua subserviência afetada, fazia lembrar o da galeria, embora por razões diferentes. Se fossem obrigados a dizer exatamente qual era a atividade da agência, murmuravam que fazia inquirições em nome dos clientes. Tal como os assistentes da Belgrave nunca mencionavam o preço, os da agência nunca mencionavam os detetives.

Na verdade, tanto quanto se lembrava, Lampeth nunca ali vira qualquer detetive. Na Lipsey's, não se revelava quem eram os clientes pela simples razão de frequentemente não os conhecerem. A discrição tinha ainda mais importância que o desfecho bem-sucedido de uma operação.

Lampeth foi reconhecido, embora só ali tivesse estado duas ou três vezes. Levaram-lhe o chapéu de chuva e foi mandado entrar para o gabinete de Mr. Lipsey: um homem baixo e esmerado, com cabelo preto liso e a atitude levemente pesarosa mas prudentemente persistente de um médico legista num inquérito.

Apertou a mão a Lampeth e indicou-lhe uma cadeira com um gesto. O seu gabinete parecia mais o de um solicitador que o de um detetive, revestido a madeira escura, gavetas em vez de arquivadores e um cofre numa parede. Tinha a secretária cheia mas bem arrumada, os lápis arrumados em fila, os papéis ordeiramente empilhados, e uma calculadora de bolso eletrónica.

A calculadora recordou a Lampeth que a maior parte do trabalho da agência envolvia investigar possíveis fraudes; daí a sua localização na City. Todavia, também localizavam indivíduos e, para Lampeth, quadros.

— Um copo de xerez? — ofereceu Lipsey.

— Obrigado. — Lampeth tirou o postal do bolso, enquanto o outro homem servia o xerez de um decantador. Aceitou o copo estendido e, em troca, entregou-lhe o postal. Lipsey sentou-se, pousou o seu xerez na mesa sem lhe tocar e estudou o postal.

Um minuto mais tarde declarou: — Parto do princípio de que deseja que encontremos o quadro.

— Sim.

— Hum. Tem a morada da sua sobrinha em Paris?

— Não, mas a minha irmã — a mãe dela — deve saber. Arranjo-lha. Contudo, se bem conheço a Delia, é provável que já tenha saído de Paris... em busca do Modigliani. A não ser que o quadro esteja em Paris.

— Portanto... restam-nos os amigos dela lá. E o tal quadro. Será possível que tenha farejado, por assim dizer, este grande achado algures perto deste café?

— É muito provável — disse Lampeth. — Boa suposição, ela é uma rapariga impulsiva.

— Calculei pelo... hã... estilo da correspondência. Bom, que hipóteses há de que isto se venha a revelar uma caça aos gambos-zinos?

Lampeth encolheu os ombros. — Na busca por quadros perdidos, há sempre essa possibilidade. Mas não se deixe enganar pelo estilo da Delia; ela acabou de obter um Muito Bom em História de Arte e, para os seus vinte e cinco anos, é muito perspicaz. Se quisesse trabalhar para mim, dava-lhe emprego, nem que fosse para a manter longe das mãos dos meus concorrentes.

— E as hipóteses?

— Meio por meio. Não, melhor que isso: setenta para trinta. A favor dela.

— Ótimo. Bem, tenho o homem certo para este caso disponível de momento. Podemos começar imediatamente.

Lampeth levantou-se, hesitou e franziu o sobrolho, como se não soubesse bem como expressar o que queria dizer. Lipsey esperou pacientemente.

— Ah... é importante que a rapariga não saiba que eu dei início a este inquérito, compreende?

— É claro — afirmou Lipsey suavemente. — Nem é preciso dizer.

A galeria estava cheia de gente a conversar, a fazer brindes e a deixar cair cinza de charuto no tapete. A receção destinava-se a publicitar uma pequena coleção de vários expressionistas alemães que Lampeth adquirira na Dinamarca; não gostava dos quadros, mas tinham sido bem comprados. Os presentes eram clientes, artistas, críticos e historiadores de arte. Alguns tinham vindo apenas para serem vistos na Belgrave, para proclamarem ao mundo que era aquele o círculo em que se moviam; todavia, acabariam por comprar para provar que não tinham vindo apenas para serem vistos. A maioria dos críticos iria escrever sobre a exposição, pois não se podiam dar ao luxo de ignorar o que quer que fosse feito pela Belgrave. Os artistas vinham pelos canapés e pelo vinho — comida e vinho grátis, algo de que alguns deles necessitavam. Talvez as únicas pessoas genuinamente interessadas nos quadros fossem os historiadores de arte e alguns colecionadores sérios.

Lampeth suspirou e olhou furtivamente para o relógio. Ainda faltava uma hora para poder sair com decência. A mulher deixara havia muito de estar presente nas receções da galeria. Lampeth

desejava estar agora em casa, um copo de Porto numa mão e um livro na outra, sentado no seu cadeirão preferido — o de cabedal velho, estofado com crina de cavalo e uma queimadura no braço, onde sempre pousava o cachimbo —, e a mulher na sua frente, com Siddons a entrar para avivar o fogo pela última vez.

— A pensar como era bom estar em casa, Charlie? — A voz chegou-lhe de perto e interrompeu-lhe o devaneio. — Preferia estar sentado em frente da televisão a ver o Barlow³?

Lampeth forçou um sorriso. Era raro ver televisão, e não gostava que o tratassem por Charlie, à exceção dos amigos mais antigos. O homem a quem sorriu nem sequer era um amigo: tratava-se do crítico de arte de uma revista semanal, bastante conhecedor, em especial de escultura, mas um chato incrível.

— Olá, Jack, ainda bem que pôde vir — disse Lampeth. — Na verdade, estou um pouco cansado para este tipo de festas.

— Sei como se sente — admitiu o crítico. — Um dia duro? Foi difícil baixar o preço de um pobre pintor qualquer aí umas duzentas libras?

Lampeth forçou outro sorriso, mas não se dignou a responder ao insulto jocoso. Recordou-se de que a revista era de esquerda, das que tinham necessidade de censurar quem fizesse, de facto, dinheiro com a cultura.

Viu Willow a esgueirar-se por entre as pessoas na sua direção e sentiu gratidão pelo seu sócio. O jornalista pareceu aperceber-se e desculpou-se.

— Obrigado por me salvares — disse Lampeth a Willow em voz baixa.

— Sem problema, Lampeth. O que vim dizer é que o Usher está cá. Queres ser tu a tratar dele?

— Sim. Escuta, decidi fazer uma exposição do Modigliani. Temos os três de Lorde Cardwell, os esboços e hoje de manhã surgiu outra possibilidade. É o suficiente para o núcleo. Importas-te de saber quem tem o quê?

— Claro. Isso quer dizer que a individual do Usher já era.

³ Série de televisão dos anos 70. (NT)

— Receio bem que sim. Não há nicho para esse tipo de coisas durante uns meses. Eu digo-lhe. Ele não vai gostar, mas não será assim tão prejudicado. O seu talento vai vencer a longo prazo, independentemente do que fizermos.

Willow assentiu e afastou-se, e Lampeth foi em busca de Usher. Encontrou-o ao fundo da galeria, sentando defronte de alguns dos novos quadros. Estava acompanhado de uma mulher, e tinham enchido um tabuleiro com comida do *buffet*.

— Posso fazer-vos companhia? — perguntou Lampeth.

— É claro que sim. As sanduíches são deliciosas — comentou Usher. — Há dias que não comia caviar.

Lampeth sorriu perante o sarcasmo e serviu-se de um minúsculo quadrado de pão branco. A mulher disse: — O Peter tenta desempenhar o papel do jovem irado, mas é demasiado velho.

— Não conhecia a difamadora da minha mulher, pois não? — quis saber Usher.

Lampeth cumprimentou-a com um gesto de cabeça. — Encantado — disse. — Já conhecemos o Peter, Mrs. Usher. Toleramos o seu sentido de humor porque gostamos muito do seu trabalho.

Usher devorou outra sanduíche com um gole de vinho e perguntou: — Então, quando é que vai apresentar a minha individual?

— Bem, era sobre isso que lhe queria falar — começou Lampeth. — Receio que tenhamos que a adiar. Sabe...

Usher interrompeu-o, o rosto avermelhado sob o cabelo comprido e a barba à Jesus Cristo. — Não me venha com desculpas esfarrapadas. Arranjou uma coisa melhor para aquela data. Quem é?

Lampeth suspirou. Queria ter evitado aquilo. — Vamos fazer uma exposição sobre o Modigliani. Mas essa não é a única...

— Por quanto tempo? — quis saber Usher, a voz alterada. A mulher pousou-lhe a mão no braço para o acalmar. — Por quanto tempo é que vão adiar a minha exposição?

Lampeth sentiu olhares cravados nas suas costas e calculou que parte do público observava a cena. Sorriu e inclinou a cabeça num gesto conspirativo para tentar que Usher falasse mais baixo.

— Ainda não sei dizer — murmurou. — Temos uma agenda muito cheia. Espero que no início do próximo ano...

— No próximo ano? — berrou Usher. — Santo Deus, o Modigliani passa bem sem uma exposição, mas eu tenho de viver! A minha família tem de comer!

— Por favor, Peter...

— Não! Não me calo! — A galeria estava agora toda em silêncio, e Lampeth apercebeu-se, desesperado, de que toda a gente observava a discussão. Usher gritou: — Não tenho dúvidas de que fará mais dinheiro com o Modigliani porque ele está morto. Não dará nada de bom à raça humana, mas fará uma pipa de massa. Há demasiados exploradores gananciosos como você neste negócio, Lampeth.

»Será que conhece os preços que eu costumava obter antes de me juntar à porcaria desta galeria emproada? Consegui a porcaria de uma hipoteca baseada nisso. Tudo o que a Belgrave fez foi baixar-me os preços e esconder-me os quadros para que ninguém os compre. Estou farto de si, Lampeth! Vou levar o meu trabalho para outro lado, portanto, meta a porcaria da sua galeria no cu!

Lampeth encolheu-se perante a violência da linguagem. Sabia que estava todo corado, mas nada podia fazer quanto a isso.

Usher virou-se num gesto dramático e saiu. A multidão abriu-lhe caminho, e ele passou de cabeça erguida. A mulher seguiu-o, apressando-se para acompanhar o seu passo largo, evitando os olhares dos convidados. Toda a gente olhava para Lampeth em busca de orientação.

— Peço desculpa por... isto — disse ele. — Por favor, continuem a divertir-se e esqueçam o assunto, está bem? — Forçou mais um sorriso. — Vou tomar outro copo de vinho e espero que todos me acompanhem.

A conversa recomeçou aqui e ali, espalhando-se gradualmente até encher a sala com o seu zumbido contínuo. A crise passara. Fora um grande erro dar a notícia a Usher ali na galeria, durante a receção, disso não havia dúvida. Lampeth tomara essa decisão no final de um longo dia empolgante. De futuro, iria cedo para casa ou começaria a trabalhar mais tarde, decidiu. Era demasiado velho para se esforçar tanto.

Pegou num copo de vinho e bebeu-o de um trago. Acalmou-lhe os joelhos que tremiam, e parou de suar. Meu Deus, que vergonha. Malditos artistas.